

Equador promove reformas na educação e amedronta estudantes

William Neuman

Não há muros e paredes cobertas por trepadeiras na Universidade Alfredo Pérez Guerrero. Não há quadras. Não há campos de futebol. Todo o campus cabe em quatro pequenos prédios alugados às margens de um modesto bairro residencial. Sua entrada principal fica em uma rua movimentada, entre uma loja de móveis e uma loja que vende carros e aviões de brinquedo por controle remoto.

Mas, em uma noite recente, os estudantes se sentaram e debateram a questão que milhares de seus pares estão fazendo no momento, sobre o que o presidente Rafael Correa chamou de “universidades de garagem” do Equador: o que faremos se o governo fechar nossa escola?

“Há muita ansiedade, muita incerteza”, disse Carlos Ortega, 27 anos, que está no quarto ano do curso de Direito de cinco anos na Alfredo Pérez. A escola é uma das 24 universidades particulares que foram reprovadas pelo governo equatoriano, o que significa que se não realizarem grandes melhorias, elas serão fechadas. Duas escolas públicas também receberam notas ruins e também poderão ser fechadas.

Para Correa, um ex-professor universitário de Economia, as mudanças já deveriam ter ocorrido há muito tempo. “O Equador provavelmente tem as piores universidades” da América do Sul, ele disse em uma entrevista no palácio presidencial neste mês. Muitas das universidades reprovadas, que atendem a um total de 69.500 alunos, “estão enganando seus estudantes, porque não oferecem os elementos mínimos para garantir a excelência acadêmica”, ele disse.

O governo esquerdista de Correa está promovendo um grande reset do sistema, que inclui 71 universidades e 621 mil estudantes. O esforço teve início no final de 2009, quando o governo realizou uma avaliação das universidades do país, lhes dando notas de A a E.

Neste ano, pela primeira vez, o ingresso nas 29 universidades públicas do país, que contam com aproximadamente 70% de todos os estudantes, será baseado em um teste de aptidão. Isso visa substituir o sistema caótico, e frequentemente injusto, no qual muitos estudantes conseguem vagas nas escolas por conhecerem pessoas capazes de mexer os pauzinhos. Outras permanecem por horas nas filas para conseguir as vagas restantes.

Diferente do SAT nos Estados Unidos (semelhante ao Enem no Brasil), o teste mede a capacidade básica de aprendizado, em vez do conhecimento, e o governo espera que isso ajude a aumentar o acesso à universidade entre os estudantes mais pobres, incluindo os grupos indígenas. Uma nova Constituição aprovada em 2008 tornou as universidades públicas gratuitas, outra medida para tornar a educação mais acessível aos pobres.

O governo também está buscando melhorar a qualidade do ensino. Até 2017, todos os professores deverão ter no mínimo um diploma de mestrado, e muitos serão obrigados a ter um diploma de doutorado.

Isso não será fácil. Alguns educadores dizem que as metas são ambiciosas demais. Apenas três universidades no Equador têm cursos de Ph.D.s e concedem um total de cerca de 20 por ano, segundo René Ramírez, o ministro do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação do governo.

“Nós estamos tentando promover uma mudança radical em curto prazo”, disse Ramírez. Em parte para aumentar o pool de professores qualificados, o governo está promovendo um programa ambicioso de bolsas escolares. Há poucos anos, o país dava bolsas para o estudo de pós-graduação no exterior para cerca de 20 estudantes por ano. No ano passado, 1.070 estudantes obtiveram bolsas. Neste ano, Ramírez espera que o número ultrapasse 3 mil.

Os estudantes que recebem as bolsas concordam em voltar ao Equador quando seus estudos forem concluídos e permanecerem aqui por pelo menos o dobro do tempo que o governo

pagou para permanecerem no exterior. O governo espera que eles se tornem professores universitários ou trabalhem no setor privado.

Para chegar tão longe, Correa teve que enfrentar algumas vacas sagradas da esquerda. O processo de avaliação do governo abriu um buraco na tradicional autonomia das universidades. E apesar do surgimento das universidades de garagem ilustrar a demanda pelo ensino superior, Correa também diz que nem todos os estudantes conseguirão cursar uma faculdade. Ele defende um sistema baseado em mérito, no qual apenas os estudantes mais talentosos cursarão o ensino superior.

A estratégia, ele disse, é “tornar as universidades mais seletivas, porque, pelo menos a curto prazo, o país não tem recursos para aumentar enormemente sua capacidade em termos de número de universidades”.

Até recentemente, o oposto estava ocorrendo. Nos últimos 20 anos, uma indústria nasceu em torno da criação de pequenas universidades particulares. Sem virtualmente nenhuma regulamentação, a qualidade dessas escolas frequentemente era muito baixa –apesar dos lucros poderem ser bem altos.

Elas ganharam o nome de “universidades de garagem” porque as piores estavam muito distantes das instalações e recursos acadêmicos das escolas mais estabelecidas. Algumas se especializaram em cursos online. A maioria usava professores que trabalhavam meio expediente, o que Ramirez disse significar qualidade de ensino mais baixa. Aproximadamente metade dos estudantes recebeu diplomas de administração. Cosmetologia era outro curso popular.

Após sua avaliação no final de 2009, as escolas reprovadas receberam tempo para promover as melhorias antes de serem submetidas a uma nova rodada de avaliações, que está sendo concluída agora. Os resultados serão anunciados no mês que vem.

Ainda assim, há uma grande expectativa de que pelo menos algumas das escolas serão fechadas. O governo prometeu que a maioria dos estudantes dessas escolas será transferida para outras universidades.

Mas isso poderia chegar a milhares de estudantes em um sistema já sobrecarregado, e muitos temem que não haverá espaço suficiente para eles. Ou temem que devido à sua escola anterior ter sido considerada inferior, eles terão que perder um ano, o que significa que demorarão mais para se formar e terão custos adicionais.

“Eu não acho que conseguirão espaço para todos”, disse Pamela Medina, uma estudante do segundo ano de Medicina na Universidade Cristã Latino-Americana, na capital, Quito, a única das escolas reprovadas que oferece o curso.

Todas as escolas reprovadas foram criadas a partir de meados dos anos 90; seus administradores disseram que isso as deixa em desvantagem.

“Foi radicalmente injusto julgar uma universidade jovem as comparando com universidades mais velhas, usando os mesmos parâmetros e exigências”, disse Susan Cordero, reitora da Universidade de Otavalo, uma escola reprovada que foi criada oito anos atrás.

A escola fica na província de Imbabura, uma área altamente indígena ao norte de Quito, sendo que 40% de seus 280 alunos pertencem a grupos indígenas, o que Cordero diz tornar a escola única.

Na Universidade Alfredo Pérez Guerrero, em Quito, os estudantes dizem que o curso custa aproximadamente US\$ 1.100 por semestre, menos caro do que em muitas outras escolas. Eles também elogiaram as classes de tamanho pequeno, frequentemente com 10 alunos ou menos.

Jorge Enríquez Páez, o reitor da escola, disse que realizou várias mudanças para atender aos padrões do governo, incluindo a compra de mais computadores para os estudantes. Mas ele disse que apenas um quinto dos professores da escola leciona em tempo integral, bem abaixo da meta do governo, de 60%.

Enríquez disse que criou a escola usando suas próprias economias, porque acredita nos jovens de seu país. "Esta é a obra de uma vida, não um negócio", ele disse. "Eu sou um sonhador."
(Tradução: George El Khouri Andolfato)

**Fonte: BOL Notícias, 20 de mar. 2012: [Portal]. Disponível em:
< <http://noticias.bol.uol.com.br>>. Acesso em 20 de mar. 2012.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.